

Sociedade das Ciências Antigas

***TRATADO DO PURGATÓRIO
SANTA CATARINA DE GENOVA***



TRADUZIDO DO ORIGINAL ESPANHOL

"TRATADO DEL PURGATORIO"

SANTA CATALINA DE GÉNOVA

FUNDACIÓN GRATIS DATE

PAMPLONA 2005

2ª EDICIÓN

SÃO PAULO - BRASIL

JULHO - 2014

Introdução

Meditamos sobre o purgatório?... Muito menos do que seria conveniente a nossos irmãos que estão nele e que deveriam receber de nós ajuda maiores e mais frequentes. E muito menos do que seria conveniente a nós mesmos, para manter nossa fidelidade ao Senhor com muito mais cuidado, se fôssemos conscientes na fé de que aquilo que neste mundo não conseguimos purificar de nossos pecados com a ajuda da graça, poderá que ser purificado em nós somente por Deus na outra vida, mediante as penas do purgatório.

Viemos para purificar nossos pecados com os tormentos do purgatório.

Porém se acredita no purgatório?... Qualquer um que vai passar algum tempo em um país normalmente se interessa por informações prévias sobre ele. Como é possível, então, que tantos cristãos mostrem tão pouco interesse a conhecer a misteriosa realidade do purgatório, estado que provavelmente passarão muitos, antes de gozar plenamente de Deus no céu? Será que apenas creem nele assim dizendo sobre tema tão serio "saberemos quando estivermos nele" nada mais do que uma zombaria cínica.

E o que sabemos do purgatório?... Sabemos pouco, mas esse pouco tem excepcional importância, e podemos conhecer sobre ele, com a certeza da fé, a fé da Igreja Católica.

Três capítulos

Dividido em três capítulos a exposição presente.

-Em primeiro lugar, o *Tratado do Purgatório* de Santa Catarina de Gênova será para nós um estímulo certamente poderoso, que nos ajudará a penetrar neste grande mistério.

-Compararemos depois a doutrina do Tratado com os ensinamentos de São João da Cruz que coincide com ela, embora não em tudo.

Finalmente, o *Catecismo da Igreja Católica* virá a nos determinar qual é exatamente *nossa fé* sobre o purgatório.

Capítulo I

Santa Catarina de Gênova Tratado do Purgatório

Vida de Santa Catarina (1447 a 1510)

Da nobre família genovesa de Fieschi, local de nascimento de dois papas e vários cardeais e bispos, nasceu Giacomo, que era vice-rei de Nápoles. Do seu casamento com Francesca di Negro, nasceu em 1447 Catarina. Na família, composta por três irmãos e sua irmã Limbania, lhe chamavam de Caterinetta, e com esse nome é lembrada pela piedade popular em sua terra natal.

Muito precoce em sua religiosidade, especialmente em sua devoção à Paixão de Cristo, aos treze anos Catarina manifesta sua vontade de se tornar religiosa no Monastério de Santa Maria das Graças, de Gênova, que já havia acolhido Limbania; porém por sua pouca idade não a aceitam.

Alguns anos mais tarde, os Fieschi, que eram Guelfos, (facção política Italiana partidária do Papado) obrigaram Catarina a se casar com o nobre Gibelino (facção política partidária do Sacro Império Romano-Germânico) Giuliano Adorno. Aos seus dezesseis anos, inicia assim sua vida

conjugal com um homem devasso e dilapidador. Os primeiros cinco anos são para ela muito dolorosos, mas quando tem 21 anos de idade, por insistência da família, ou talvez para cativar seu marido, aceita a frivolidade daquela vida desregrada. Ela mesmo diz de si:

"Para se consolar de sua vida dura, afundou-se nos prazeres do mundo, a tal ponto que em pouco tempo ficou tão sobrecarregada de pecados e tormentos, que se via sem remédio, sem esperança de sair de seu estado. E a tal ponto chegou que não somente apreciava o pecado como se vangloriava dele. Todo o seu gosto e amor, todo o seu afeto e alegria estavam somente nas coisas terrestres, e as coisas espirituais, lhe pareciam extremamente amargas, porque ela tinha trocado o gosto do céu pela terra" (Diálogo I, 6).

Em 20 de março, 1473, quando Catarina estava casada há dez anos e tinha 26 anos de idade, a graça de Deus transformou por completo o seu coração, liberando a de todas as correntes invisíveis que a escravizam ao mundo. Naquele dia, ela visita sua irmã Limbania no mosteiro, e confessa seus pecados e preocupações. Sua irmã a convida para se confessar com o capelão da comunidade, e Catarina, de má vontade, obedece à sugestão... Ao se colocar de joelhos para confessar seus pecados, um raio de amor divino atravessa seu coração, mostrando-lhe o horror de seus pecados. Tal é a comoção, que sem terminar a confissão ela teve que ser levada para casa... "Oh, amor, não mais pecados!" repete entre lágrimas (I, 11).

Quatro anos de vida *purgativa* sofre Catarina, fazendo penitência pelos seus pecados com severíssimas austeridades e longas orações. Então, como conta seu biógrafo, o Senhor a consola sobretudo em sua oração com na ocasião em que:

“Se sentiu atraída a se inclinar sobre o peito de seu amoroso Senhor, e pode ver um caminho mais suave, que lhe revelava inúmeros segredos de amor que, com frequentes êxtases, a consumia por inteiro. Depois foi atraída para o dorso do crucificado e ali lhe foi revelado o Sagrado Coração de Jesus, que parecia todo em fogo. E finalmente, se aproximou a doce e suave boca do Senhor, e ali lhe foi dado um beijo que a envolveu inteira com aquela doce divindade, onde perdida de si mesma, interior e exteriormente dizia: Já não vivo, é Cristo que vive em mim”.

Entre os anos de 1477 a 1499, (35 a 52 anos de idade) Catarina avança rapidamente a caminho da iluminação. A comunhão eucarística diária, ainda pouco frequente, é sua força e alegria. Durante 23 anos, fica em jejum absoluto, com exceção de um pouco de água com sal, durante o tempo de advento e da quaresma, mantendo sempre, contudo, uma notável vitalidade.

Passam-horas inteiras em oração extática e o fogo interior do seu amor pelo Senhor, de acordo com muitas testemunhas, emana de seu corpo de forma admirável. Parece que Catarina vive em meio de um incêndio (Vita 6,37,38). Já nesses anos, acontecem suas experiências mais profundas do estado das almas no purgatório.

Este inflamado amor a Deus é o que impulsiona Catarina a trabalhar heroicamente a serviço dos pobres e, sobretudo com os enfermos. Muitos outros se iluminam na chama desse mesmo amor, como o notário Ettore Vernazza, fundador em Gênova da Companhia do Amor Divino (1497) e Cattaneo Tommasina Fieschi Marabotto, que seria seu confessor.

Seu próprio marido Giuliano Adorno, aceitando viver com ela em castidade, entrou para a Ordem terceira de São Francisco e ajuda Catarina em seu trabalho com os doentes até a sua morte (1497).

Catarina no Hospital Pammatone se entrega a serviço dos enfermos nos modos mais humildes e abnegados, vencendo com doçura a rebeldia ou a amargura dos mais infelizes. Deste hospital ela é diretora durante os anos de 1490 a 1496.

A partir de 1499, em plena via unitiva, se multiplicam em Catarina, os fenômenos místicos, assim como as dores insuportáveis de uma enfermidade que parece de origem sobrenatural. Morre consumada no amor em Deus em 15 de setembro de 1510 aos 63 anos, e seu corpo permanece até hoje incorrupto. É canonizada por Clemente XII em 1737, e em 1944, Pio XII a constitui como patrona secundária dos hospitais da Itália.

Obras

Ao que parece, Santa Catarina não escreveu das suas próprias mãos, nenhuma das obras que se atribuem a ela, sendo que estas são recopilações feitas por seus amigos e discípulos.

A O Códice Dx parece datar dos anos 1520-1525, nele que Ettore Vernazza, supostamente, escreve ou recopila ao menos os primeiros escritos do *Opus Cateriniano*.

Em 1551, partindo do D* e ampliando datas e recordações, publica-se em Genova o *Libro de la Vita mirabile et Dottrina de la Beata Caterinetta da Genova, nel quale si contiene una utile et catholica dimostrazione et dichiarazione del Purgatorio*. Ao que parece, nesta obra se unem três escritos diferentes: *Vita e Dottrina*, que havia sido redigida por Cattaneo Marabollo, recorrendo a dados autobiográficos de Catarina, assim como seus ensinamentos e atos; *Dialogo tra anima, corpo, amor proprio, spirito, umanità e Dio*; e *el Trattato del Purgatorio*. Na apresentação desta edição, parte da Obra Cateriniana se diz ter sido "recompilado por devotos religiosos", especificamente por "seu confessor e um filho seu espiritual".

O tratado do purgatório

O redator da *Vita* encerra sua crônica dizendo que em Catarina se via o Céu, era um ser celestial, "Transformada por inteiro, perdida em Deus"; e ao mesmo tempo o purgatório, um coração, consumido no fogo do amor Deus, em um corpo "martirizado" (cp.42). Com efeito, os ensinamentos de Santa Catarina sobre o purgatório parte de uma experiência mística verdadeiramente pessoal. Deus a fez sofrer e compreender as dores das almas do purgatório com uma extraordinária clarividência.

Bibliografia

Acta Sanctorum, Septembris V, Venezia 1770, 123-195. - Umile da Genova, L'Opus catharinianum auteurs et ses; étude gene crítica sur la biographie et les sainte Catherine écrits na "Revue d'ascética et Mystique» XVI (1935) 351-370; Id no Dictionnaire de spiritualité II, 2, 290-325.

Tratado do Purgatório Barcelona, Balmes versão 1946 que reproduz "Traduzido do francês por um ancião de Reus", publicado no livro A vida de Santa Catarina de Gênova, Barcelona 1852. - Carpaneto Cassiano da Langasco, Sommersa nella fontana dell'amore. Santa Caterina Fieschi Adorno: I, La vita; II, vai operar, Marietti 1987.

Tradução

A tradução mencionada antiga do "ancião de Reus", embora tenha boa qualidade espiritual, é muito livre.

Carpaneto (II, 94-121) oferece em sua edição duas versões em paralelo com o "Tratado do Purgatório". A primeira é o texto do códice D* datado em 1520-25, que é o texto mais antigo, o mais próximo a Santa Catarina. Seu italiano é tosco e comovente, pois, parece refletir todo seu esforço da mística genovesa para expressar suas altas visões; mas resulta às vezes uma difícil interpretação e ainda mais difícil tradução. A segunda versão é o texto da edição de Pádua de 1743,

mais correta em expansões e paráfrases, mas dificilmente confiável.

Eu por minha parte, ao realizar a presente tradução do *Tratado do Purgatório*, me atentei mais ao códice D*. E me inspirei na única versão de 1743 quando eu não encontrei nenhuma maneira de traduzir de forma segura o códice primeiro.

No texto que segue nos subtítulos são meus, e os números que vão dividindo a leitura são da edição de 1743.

Culpa e pena

Uma última observação antes de começar a leitura do “*Tratado do Purgatório*”. Santa Catarina se dá por conhecidos os conceitos de culpa e punição, e não os explica. Anteciparei por minha conta uma breve explicação, que mais abaixo veremos também é ensinada pelo catecismo da igreja.

Em todo pecado há uma culpa que cai sobre o pecador duas penas: uma pena ontológica, ou seja, uma consequência deixada pelo pecado como marca negativa na alma e no corpo do pecador, e uma pena legal, pena esta que pela justiça passa a ter direito a uma punição.

Os homens, de fato, ao pecar atraímos muitas culpas e atraímos sobre nós muitas penas ontológicas, ao mesmo tempo que nos fazemos merecedores de muitas penas legais, penalidades que nos virão impostas por Deus, pelo confessor, pelo próximo e por nós mesmos na mortificação penitencial.

O batismo remove toda a culpa e qualquer penalidade legal, mas não elimina a pena de ontológica (por exemplo, um bêbado lascivo, batizado, continua a sua doença fígado e venérea). A penitência, seja no asceticismo ou o sacramento apaga toda a culpa do cristão, mas não necessariamente toda a pena, por isso, o ministro impõe ao penitente um castigo jurídico, procurando que este tenha também sentido medicinal, quer dizer que venha sanar a pena ontológica, e as más marcas deixadas pelos pecados cometidos.

Pois bem, segundo esta tese, a alma que está no purgatório já foi liberada das punições, mas não há na terra uma penitência suficiente para elas, deve padecer agora a punição do purgatório, “toda mancha do pecado”, disponibilizando assim, uma união perfeita e feliz com Deus.

Imaginemos um apaixonado, que ainda deseja de todo o coração unir-se com a sua amada, vendo a si mesmo, cheio de perturbações na alma e no corpo, de nenhuma forma conseguirá realizar sua união conjugal, muito menos irá recuperar sua saúde perfeita para que seja digno dela. A mesma força do amor, o leva, então, sem hesitação, a submeter-se a tratamentos muitos severos e dolorosos em uma clínica com o objetivo de livrar-se de todas as perturbações pessoais que fazem a união indigna e impossível. Pois bem, depois da morte, a alma apaixonada de Deus que ainda vê muitas perturbações não purificadas, sente a necessidade do purgatório e está sujeito a ele, graças à misericórdia divina, para ser encaminhado o mais rápido possível para perfeita união com o Senhor.

Tratado do purgatório

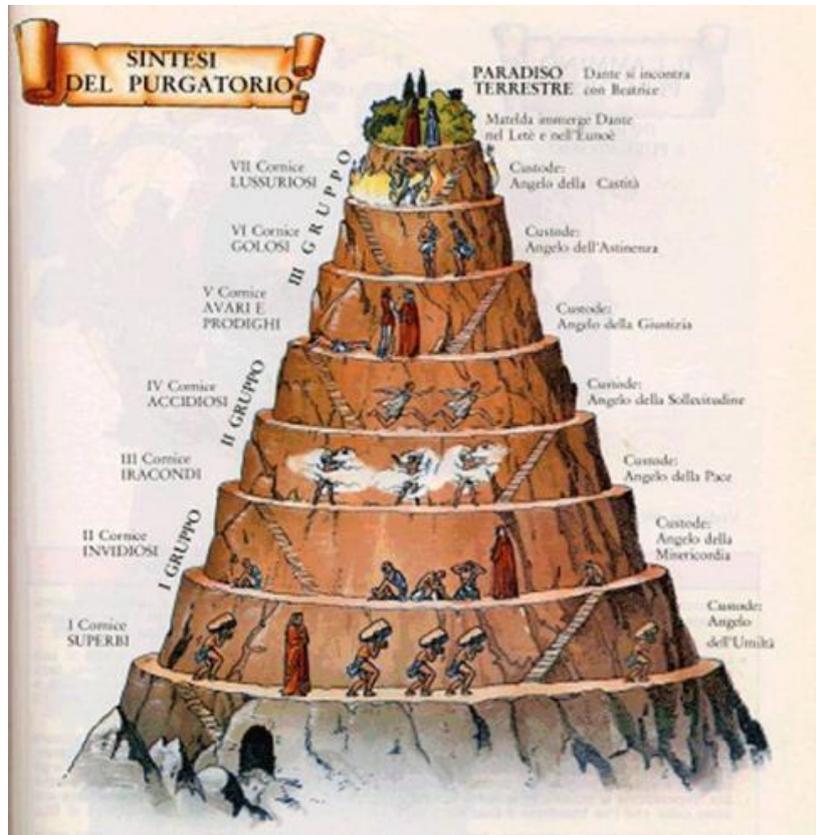
Como Santa Catarina, em comparação com o fogo divino que sentia em seu coração e que purificava a sua alma via interiormente e compreendia como estão as almas no purgatório, para que se purificassem antes de poder ser apresentadas diante de Deus na vida celestial. [Capítulo 41 del Ms. D*].

Experiência do purgatório na Terra

1. Esta alma santa, vivendo ainda em carne, se encontrava posta no purgatório do fogo do divino

amor que a queimava inteira e a purificava de quanto nela tinha que ser purificada, a fim de que, passando desta vida, pudesse ser apresentada na doce presença de seu Deus Amor. E compreendia em sua alma, por meio deste fogo amoroso, como estavam as almas dos fiéis no lugar do purgatório, para purgar toda mancha do pecado, que nesta vida ainda não tivessem purgado.

Assim como ela, colocada no purgatório amoroso do fogo divino, estava unida a este divino Amor, e alegre com tudo aquilo que este Amor nela operava, assim entendia sobre as almas que estão no purgatório.



Almas alheias a tudo, absorvidas no amor de Deus

2. E dizia: As almas que estão no purgatório, segundo me parece entender, não podem ter outra vontade da que estar naquele lugar; e isto é pela ordem de Deus, que fez isto justamente.

Elas, refletindo sobre si mesmas, não podem dizer: "Eu, cometendo tais e tais pecados, mereço estar aqui". Eles também não podem dizer: "não quisera eu tê-los cometido, pois agora estaria no Paraíso". E tampouco podem dizer: "Aquelas saem fora do purgatório antes de mim", ou "Eu sairei antes daquela".

É que não podem ter qualquer memória, para o bem ou para o mal, nem de si nem dos outros, mas que, pelo contrário, tem uma alegria tão grande de estar cumprindo a ordem de Deus, e que Ele opere nelas tudo o que queira e como queira, que não podem pensar em outras coisas. A única coisa que veem é a operação da bondade divina, que tem tanta misericórdia do homem para conduzi-lo para Si; e nada reparam em si mesmas, nem de penas nem de bens. Se no purgatório pudessem se corrigir, não estariam vivendo na pura caridade.

E também, tampouco podem ver suas companheiras ali penando por seus próprios pecados. Estão longe de se ocupar com estes pensamentos. Isso seria uma imperfeição ativa, que não pode dar-se naquele lugar, onde os pecados atuais já não são possíveis.

A causa do purgatório que sofrem a conhecerão de uma só vez, ao partir desta vida; e depois já não pensam mãos nela, pois outra coisa seria um apego de propriedade desordenada.

3. Estas almas, vivendo na caridade, e não podendo se desviar dos defeitos atuais, por isso não podem mais querer outra coisa do que o puro querer da caridade. Estando naquele fogo do purgatório, estão na lei divina, que é a pura caridade, e já não podem se desviar, dela em nada, porque não é mais possível atualmente, nem pecar nem merecer.

Alegres em avançar na purificação

4. Não creio que seja possível encontrar uma alegria comparável à de uma alma do purgatório, que não seja a que os santos têm no Paraíso. E esse contentamento cresce a cada dia por influência de Deus em tais almas; isto é, cresce mais e mais à medida que se vão consumindo os impedimentos que se opõem a essa influência.

A ferrugem do pecado é impedimento, e o fogo a vai consumindo. Assim é como a alma cada vez mais se abre para a divina influência. Se uma coisa que esta coberta pode não corresponder à reverberação do sol - não por defeito do sol, que continuamente ilumina, senão pela cobertura que a ele se opõe - eliminada a cobertura, se encontra a coisa descoberta. E tanto mais corresponderá a radiação da luz, quanto se tenha removido a cobertura.

Então assim acontece com a ferrugem do pecado, que é como a cobertura das almas. No purgatório vai sendo consumida pelo fogo, e quanto mais se consome, tanto mais se pode receber a luz do verdadeiro sol, que é Deus. E tanto cresce a alegria, quanto mais falta a ferrugem, se descobre a alma ao divino raio. Um cresce e o outro diminui, até que se termine o tempo. E não é que a pena vai diminuindo; o que diminui é o tempo de estar sofrendo-a.

E no que diz respeito à vontade da alma, ela jamais aquelas penas são penas; está a tal ponto está em conformidade com o decreto de Deus, com a qual essa vontade se une em pura caridade.

As penas são indescritíveis

5. Apesar do que se diz, estas almas sofrem penas tão extremas, que não existe qualquer linguagem capaz de expressá-las, nem entendimento algum que pode compreender minimamente, a não ser que Deus o mostre por uma graça especial. Eu creio que minha graça de Deus, me o tem mostrado, embora depois não seja eu capaz de expressá-lo. E esta visão que me mostrou o Senhor nunca mais se separou de minha mente. Tratarei de explica-lo como puder, e me compreenderão aqueles a quem o Senhor permitir compreender.

Penas causadas pelos pecados

6. A base de todas as penas é o pecado, quer o original ou atual. Deus criou a alma pura, simples, limpa de toda mancha do pecado, com um certo instinto que a leva a buscar em Deus a felicidade. Porém o pecado original leva ela para longe desta inclinação, e mais ainda quando são somados os pecados atuais. E quanto mais se afasta assim de Deus, vai se tornando mais maligna, e menos Deus se comunica com ela.

São penas de amor

Toda bondade que possa haver no homem é por participação de Deus. Ele se comunica com as criaturas irracionais, segundo sua vontade e lei e nunca lhes falta. Ao contrario, se comunica mais ou menos a alma racional, de acordo o quanto ela está purificada do impedimento do pecado.

Por isso, quando uma alma se aproxima ao estado de sua primeira criação, pura e limpa, à ela se descortina aquele instinto beatífico para Deus, e a aumenta com tanto ímpeto e com tão veemente fogo de caridade -o qual a impulsiona para o seu último propósito - que lhe parece impossível impedi-la. E quanto mais contempla este propósito, tanto mais extrema lhe resultam suas penas.

7. Assim sendo, tal como as almas do purgatório não têm culpa de nenhum pecado, não existe entre elas e Deus, outro impedimento que a pena do pecado, a qual retarda aquele instinto, e não a deixa chegar à perfeição. Pois bem, vendo as almas com absoluta certeza o quanto importa até o mínimo dos impedimentos, e o entendendo que por causa deles é necessário um retardar com toda a justiça aquele impulso, aqui lhes nasce um fogo tão extremo, que vem a ser semelhante ao do inferno, porém sem culpa. Isto é, a culpa, a que faz maligna a vontade do condenado ao inferno, aos quais Deus não se comunica com a sua bondade. E por esta razão é que eles permanecem naquela vontade maligna desesperada, contrários à vontade de Deus.



Inferno

8. Aqui se vê claramente que a vontade perversa contraposta a vontade de Deus e a que constitui a culpa e, perseverando esta vontade maligna, persevera a culpa.

Aqueles que estão no inferno partiram desta vida com a vontade maligna, e por isso seus pecados não foram perdoados, e já nem pode ser, porque uma vez que partiram desta vida, já não podem mais mudar a sua vontade. Com efeito, ao partir desta vida, a alma permanece fixa no bem ou no mal, segundo se encontra então sua vontade livre. Está escrito, *Ubi te invenero*, quer dizer, na hora da morte, como é o vontade do pecado ou arrependimento do pecado, *ibi te iudicabo* [onde te encontre ali te julgará; cf. aprox. Eclesiastes 11.3]. Este julgamento é irreversível, porque para além da morte, não há possibilidade de mudar a posição de liberdade, que foi fixada tal como se achava no momento da morte.

Os que estão no inferno, tendo sido encontrado no momento da morte com um desejo de pecado, carregam consigo infinitamente a culpa, e também a pena. E a pena que eles têm não é tanto quanto mereciam, mas em todo caso é pena sem fim. Os do purgatório, por outro lado, têm apenas a pena, mas, como eles já estão sem culpa, pois ela foi cancelada pelo arrependimento, tem uma pena finita, e que com o passar do tempo vai se diminuindo, como eu já havia dito.

Oh! Miséria maior do que qualquer outra miséria, tanto maior quanto mais ignorada pela cegueira dos homens!

As penas moderadas pela misericórdia de Deus

9. A pena dos condenados já não é infinita, em quantidade, porque a doce bondade de Deus faz chegar o raio da sua misericórdia até o inferno. É certo que o homem, que morreu em pecado mortal merece a pena infinita, e padece-la em tempo infinito. Porém a misericórdia de Deus fez com que só seja infinito tempo da pena, e limitou a pena na quantidade. Poderia sem dúvida ter lhes aplicado uma pena maior do que aquela que lhes tem dado.

Oh! Como é perigoso o pecado é feito com malícia! O homem dificilmente se arrepende dele, e não se arrependendo, permanece na culpa. E o homem persevera na culpa tanto persiste na vontade do pecado cometido ou a cometê-lo.

Conformidade no purgatório com a vontade de Deus

10. Por outro lado, as almas do purgatório têm sua vontade inteiramente em conformidade com a vontade de Deus. Por isso, Deus, conforme esta vontade, corresponde com a sua bondade, e elas permanecem contentes, em relação a vontade, já que é purificada do pecado original e atual.

E em relação a culpa, as almas permanecem tão puras como quando Deus as criou, já que partiram desta vida arrependidas de todos os pecados cometidos, e com vontade de nunca mais comete-los. Com este arrependimento, Deus perdoa imediatamente culpa, e assim não lhes fica senão a ferrugem e a deformidade do pecado, os quais são purificados depois no fogo com a pena.

E assim, purificadas de toda culpa e unidas a Deus por uma vontade, estas almas veem Deus claramente, de acordo com o grau em que Ele manifesta-se a elas; e veem também o quanto é importante desfrutar de Deus, e entendem que as almas foram criadas para este fim. Este conformidade atrai a alma até a Deus pelo instinto natural com tal força, que não podem expressar as razões, nem imagens ou exemplos que sejam suficientes para esclarecer, tal como a mente sente no efeito e compreende pelo sentimento interior.

No entanto, eu tentarei explicar com um exemplo de algo que minha mente entende.

O exemplo do pão único

11. Imaginemos que em todo o mundo não houvesse senão um só pão; suponhamos que com ele se pudesse acabar com a fome de todos os homens, e que estes, somente de vê-lo, ficassem saciados. Pois bem, tendo o homem por natureza, quando saudável, o instinto de comer, se não comesse, e não pudesse ficar doente nem morrer, teria cada vez mais a fome, porque o instinto de comer, nunca o abandona. E se o homem soubesse então que apenas aquele pão pudesse sacia-lo, ao não possuí-lo, não poderia acabar com a fome.

E isto é o inferno que sentem aqueles que estão com fome, e que quanto mais se aproximam deste pão sem ser capaz de vê-lo, tanto mais lhes queima o desejo natural; pois este, por instinto, se dirige a este pão, e nele constitui todo seu contentamento. E se estivesse certo de não ver mais este pão, nisto consistiria o inferno que tem todas as almas condenadas, privadas de toda a esperança de jamais ver que o pão, que é o verdadeiro Deus Salvador.

As almas do purgatório, por outro lado, padecem esta fome, porque não conseguem ver o pão que poderia sacia-las, mas têm a esperança de vê-lo e serem saciadas por ele completamente; e assim padecem tanta pena quando deste pão não podem se saciar.

A alma que vai para o inferno

12. Outra coisa que vejo claramente é que assim como o espírito limpo e puro não encontra outro lugar senão em Deus para o seu repouso, pois por Ele foi criado, da mesma maneira a alma em pecado não tem para si outro lugar que o inferno, que Deus lhe designou com seu lugar próprio. Por isso, no instante em que o Espírito se separa de Deus, a alma vai para o seu lugar correspondente, sem outro guia que não seja a natureza do pecado. E isso acontece quando a alma deixa o corpo em pecado mortal.

E se a alma, naquele momento não encontrasse aquela ordenação que procede da justiça de Deus, sofreria um inferno maior do que o inferno é, por se achar fora daquela ordenação que faz parte da misericórdia divina, que não dá a alma tanta pena como ela merece. E por isso que, não encontrando lugar mais conveniente, nem dos menores males para ela, se lançaria ali dentro, como se fosse seu próprio lugar.

A alma que vai para o purgatório

13. Este é o caso no que se refere ao purgatório. A alma separada do corpo, quando não se acha naquela pureza, na qual ele foi criada, se vendo com tal impedimento, que não pode se livrar dele não ser através do purgatório, de certo se lança nele com toda vontade.

E se não encontrasse tal ordenação capaz de livra-la deste impedimento, naquele instante, se formaria nela um inferno pior do que o purgatório, percebendo ela que não poderia se unir por aquele impedimento, a Deus, seu propósito. Esta união lhe é tão importante que, em comparação com ela, o purgatório lhe parece nada, muito embora já tenha sido dito que se assemelha ao inferno.

A alma que vai para o céu

14. E ainda tenho a dizer que, como vejo, o paraíso não por parte de Deus nenhuma porta, a não ser que ali entra quem quer entrar, porque Deus é todo misericórdia, e volta para nós com os braços abertos para nos receber na sua glória.

E vejo também perfeitamente que aquela essência divina é de tal pureza e claridade, muito mais do que o homem pode imaginar, que a alma que tem em si uma imperfeição como uma partícula de pó, se lançaria de certo em mil infernos, antes de encontrar-se diante a presença divina com aquela mínima mancha.

E entendendo que o purgatório está precisamente a disposição para remover esta mancha, se lançaria nele, como eu já disse, parecendo lhe encontrar uma grande misericórdia, capaz de livra-la deste impedimento.

A importância do purgatório

15. A importância que tem purgatório é algo que nenhuma língua humana pode exprimir, nem a mente compreender. Eu vejo nele tanta pena como no inferno. E vejo, no entanto, que a alma sintasse com tal mancha, o receberia com uma misericórdia, tal como eu disse, não tendo em nada, em certo sentido, em comparação com aquela mancha que impede de se unir a seu amor.

Parece-me que a pena das almas no purgatório consiste mais que veem em si algo que desagrade a Deus, e que fizeram voluntariamente, contra tanta bondade de Deus, que em quaisquer outras penas que ali podem encontrar. E digo isto porque, estando elas na graça, veem a verdadeira importância do impedimento que não as deixa se acercar de Deus.

Conhecimentos Inexprimíveis

16. E assim ratifico que isto que eu fui capaz de compreender ainda em vida, a qual me parece de tanta pobreza que qualquer visão daqui de baixo, cada palavra, todo o sentimento, toda imaginação, toda justiça, toda a verdade, parece-me mais mentira do que verdade. E de quando decidi dizer fiquei ainda mais confusa do que satisfeita. Porém se não me expresso em melhores termos, é porque não os encontro.

Tudo o que foi dito aqui, em comparação do que capta a mente, não é nada. Eu vejo uma conformidade tão grande de Deus com a alma, que, quando Ele a vê naquela pureza em que a criou, dá-lhe certo modo atrativo um ardente amor, que seria suficiente para aniquila-la, embora ela seja imortal. E isso faz com que a alma de tal forma se transforme no próprio Deus, que não parece, mas que é Deus.

Ele continuamente vai atraindo ela e inflamando-a no seu fogo, e não a deixa nunca, até que a tenha conduzido àquele ser primitivo, ou seja, para aquela perfeita pureza, na qual ela foi criada.

O tormento de um amor tardio

17. Quando a alma, pela visão interior, se vê assim atraída por Deus com tanto fogo de amor, que resulta em sua mente, se sente derreter toda no calor do amor do seu doce ardente Deus. E ver que Deus, apenas pelo puro amor, nunca deixa de atrair e trazê-lo para a sua total perfeição.

Quando a alma vê isso, manifestando se Deus com a sua luz; quando encontra em si mesma o impedimento que não permite que ela siga essa atração, aquele olhar unitivo que Deus a dirigiu para atrai-la; e quando, com aquela luz que lhe faz ver o que realmente importa, está presa para poder seguir a força atrativa daquele olhar unitivo, se gera nela a pena que sofrem aqueles que estão no purgatório.

E não é que elas façam consideração de sua pena, mesmo que na realidade seja muito grande, mas que a estimam sobre tudo a oposição que se encontraram contra a vontade de Deus, que a veem claramente inflamadas de uma extremo e puro amor para com elas. Ele as atrai tão fortemente com o seu olhar unitivo, como se não houvesse outra coisa a fazer a não ser isto.

Por isso a alma que vê isso, se acha em outro purgatório maior que o purgatório, a fim de se livrar mais rapidamente daquele impedimento, ali se lançaria dentro, pelo ímpeto daquele amor, que a deixa em conformidade a Deus e a alma.

Amor divino que purifica e aniquila

18. E vejo mais ainda. Vejo proceder daquele amor divino até a alma certos raios e lampejos ígneos, tão penetrantes e tão fortes, que parecem ser capazes de aniquilar não só o corpo, mas também a alma, se isso fosse possível.

Duas operações realizam estes raios na alma: em primeiro lugar, a purificam, e segundo a aniquilam.

Neste caso, com no ouro, quanto mais o fundem, melhor qualidade resulta; e tanto poderia ser fundido, que chegará a se ver aniquilado em toda sua perfeição. Este é o efeito do fogo sobre as coisas materiais. A alma, por outro lado, não pode ser aniquilada em Deus, mas sim nela mesma; e quanto mais seja purificada, tanto mais vem a ser aniquilada em si mesma, enquanto permanece em Deus como alma purificada.

O ouro, mas quando é purificado até vinte e quatro quilates, depois já não se consome mais, por mais fogo que lhe apliquem, pois somente se pode consumir a imperfeição deste ouro. Assim é, pois, é a obra do fogo divino na alma. Deus lhe aplica tanto fogo, que consome nela qualquer imperfeição e a conduz à perfeição de 24 quilates - cada um no seu grau de perfeição.

E quando a alma está purificada, permanece toda em Deus, sem nada de próprio de si mesma, uma vez que a purificação da alma consiste precisamente na privação de nós em nós mesmos. Nosso ser já está em Deus. O qual, quando conduziu para si a alma deste modo purificada, a deixa impassível, porque não existe nela nada mais a ser consumado.

E se então fosse esta alma purificada mantida no fogo, já não seria penoso, pois que somente viria a ser para ela fogo de amor divino, que lhe daria vida eterna, sem qualquer contrariedade, tal como as almas bem-aventuradas, mas já nesta vida, se isso fosse possível estando no corpo. Embora eu não creia que alguma vez Deus tenha na terra almas que estejam assim, que não seja para realizar uma grande obra de divina.

Última purificação passiva, obra de Deus

19. A alma foi criada com toda perfeição de que ela era capaz, vivendo de acordo com a ordenação de Deus, sem contaminar se de qualquer mancha de pecado. Mas, uma vez que tenha sido contaminada pelo pecado original, e depois pelos pecados atuais, perde seus dons e a graça, fica como morta e não pode ser ressuscitada senão por Deus.

Já ressuscitada pelo batismo, fica nela a má inclinação, que a inclina e a conduz, se ela não resiste, ao pecado atual, e assim volta a morrer.

Deus retorna para ressuscita-la novamente com outra graça especial, porém, ela está tão confusa e convertida a si própria, que para trazê-la ao seu primeiro estado, aquele que Deus a criou, serão precisas todas estas operações divinas, sem as quais a alma nunca poderia voltar para a perfeição do estado primeiro, em que Deus a criou.

E quando esta alma se encontra em transe de recuperar o seu primeiro estado, tal é a inflamação do seu desejo para transformar-se em Deus, que esse é o seu purgatório. E não é que ela veja o purgatório como o purgatório, a não ser aquela inclinação inflamada e impedida é o que resulta para ela o purgatório.

Este último estado do amor é o que faz esta obra, sem o homem, porque se encontram na alma tantas imperfeições ocultas, que se o homem as vissem, mergulharia no desespero. Porém este último estado de amor as vai consumando inteiras, e Deus lhes mostra esta sua operação divina, a qual é a que causa nela aquele fogo de amor que vai lhe consumando todas as imperfeições que devem ser eliminadas.

Imperfeição congênita de todos os seres humanos

20. Aquilo que o homem julga como perfeição, diante de Deus é deficiência. Com efeito, todas essas coisas que o homem realiza, da forma como ele as vê, as sentem, as compreendem e as querem, incluso aquelas que têm aparência de perfeição, todas elas estão manchadas. Para que estas obras sejam completamente perfeitas, é necessário que essas operações sejam realizadas em nós sem nós, e que a operação divina seja em Deus sem o homem.

E estas tais operações são aquelas que Deus, somente Ele, faz nesta última operação do amor puro e limpo. E são essas obras para a alma tão penetrantes e inflamadas que o corpo, que está com ela,

parece que está enraivecido, como se ele tivesse sido colocado em um grande fogo, que não o deixasse nunca ficar tranquilo, até à morte.

Ao mesmo tempo, grande alegria e grande dor

É verdade que o amor de Deus, que resulta na alma, tal como eu o entendo, lhe dá uma alegria tão grande que não se pode expressar; porém este contentamento, pelo menos para as almas que estão no purgatório, não lhes livra parte da pena. E aquele amor, que está como atrasado, é que causa esta pena, uma pena que é tanto mais cruel quando é mais perfeito o amor de que Deus a permite que seja. Assim pois, gozam as almas do purgatório de uma alegria imensa, e sofrem ao mesmo tempo uma imensa pena; e uma coisa não impede a outra.

Até o último momento

21. Se as almas do purgatório pudessem ser purificadas somente pela contrição, em um instante pagariam totalidade de suas dívidas. Com efeito, o ímpeto de sua contrição é grande, pela clara luz que as faz ver a importância do impedimento. Porém este tem que ser pago integralmente, e Deus não o tolera nem em uma mínima parte, pois assim exige sua justiça.

Esquecidas de si, abandonadas em Deus

Por parte da alma, esta já não tem escolha própria, e somente pode ver o que Deus quer; e tampouco quer ver mais, a não ser o que assim está estabelecido.

22. E estas almas, se aqueles que estão no mundo, oferecem alguma esmola para que diminua o tempo de sua prova, não se encontram em posição de volta para eles com carinho, mas deixar de fazer Deus, que responde como ele quer. Se eles poderiam tornar-se, este seria um apego desordenado, que iria privá-los da vontade divina, que para eles seria um inferno.

Estão, portanto, as almas do purgatório completamente abandonadas a tudo o que Deus lhes dá, seja de alegria ou de pena; e nunca mais pode voltar se a si mesmas, tão profundamente estão transformadas as almas na vontade de Deus, e o que está disponível, isso é o que as contenta.

Todo o castigo que seja preciso

23. E se fosse apresentada diante de Deus uma alma que ainda tivesse uma hora para purgar, se lhe infringiria por isso um grande dano, ainda mais cruel que o purgatório, pois não poderia suportar aquela suprema justiça e bondade. E também seria algo inconveniente por parte de Deus.

Esta pena intolerável afligiria a alma quando percebesse que sua satisfação oferecida a Deus não era plena, ainda que somente lhe faltasse apenas uma falta abrir e fechar os olhos de purgação. Na verdade, antes de estar na presença de Deus não inteiramente purificada, preferiria lançar-se instantaneamente em mil infernos, se você pudesse escolher.

Miséria da cegueira dos homens diante dessas verdades

24. Agora que vejo estas coisas claramente na luz divina, sinto vontade de gritar com um grito tão forte, que poderia assustar a todos os homens do mundo, dizendo-lhes: Oh! Miseráveis! Por que razão se deixam cegar assim pelas coisas deste mundo, do que para uma necessidade tão importante, como na que se encontrarão e não tomam precaução alguma? Estão todos sob a esperança da misericórdia de Deus, que já é tão grande; porém não veem que tanta bondade de Deus será julgamento, por ter agido contra a sua vontade? Sua bondade deveria obrigá-los para fazer tudo o que Ele quer, mas não deve dar-lhes a esperança de cometer o mal impunemente. A justiça de

Deus não pode falhar, e é preciso que seja satisfeita de uma forma ou de outra plenamente.

Não confie, pois, dizendo: eu me confessarei e conseguirei depois a indulgência plenária, e no momento serei purificado de todos os meus pecados. Pensa que esta confissão e contrição, que se necessita para receber a indulgência plenária, é uma coisa tão difícil de se conseguir que, se tu soubesse, tremeria com grande temor, e estaria mais certo de não possuí-la do que de poder consegui-la.

Paz e alegria na purificação

Eu vejo que as almas do purgatório compreendem estas sujeitas a duas operações. A primeira é a de que sofrem voluntariamente aquelas penas, conscientes de que Deus teve com elas grande misericórdia, tendo em conta o que elas mereciam, sendo Deus quem é. Se a sua imensa bondade não atemperasse de misericórdia a justiça, que se satisfez com o sangue de Jesus Cristo, um só pecado merecia mil infernos perpétuos. E é por essa razão que sofrem a pena voluntariamente, que não desejam que seja reduzida nem uma grama, tão convencidas estão de a merecerem justamente, e que para isso está bem preparada. Assim, quanto mais vontade, tanto mais podem lastimar de Deus como se estivessem na vida eterna.

A outra é a do gozo que experimentam ao ver a ordenação de Deus, a disposição com tanto amor e compaixão pelas almas. E essas duas visões as imprime Deus naquelas mentes em um instante. Elas, como eles estão na graça, podem compreendê-las de acordo com a sua capacidade, e isso lhes dá um grande contentamento que não mais lhes faltará nunca, e que vai crescendo à medida que elas se aproximam mais de Deus.

E essas visões não as têm as almas em si mesmas, não por suas próprias forças, mas pelas que vem de Deus, no qual têm a sua atenção muito fixa que nas penas que estão sofrendo, e que não fazem maior caso. E a razão é que, como mínima que seja a visão que se tenha de Deus, ela excede qualquer pena ou alegria que o homem possa captar; e embora exceda, não lhes livra contudo absolutamente nada com este contentamento.

Eu vivo na terra o purgatório

26. Esta forma purificativa que vejo nas almas do purgatório, é a mesma que estou sentindo na minha mente, especialmente desde há dois anos; e cada dia eu a sinto, e cada vez mais claramente. Eu vejo que a minha alma está em seu corpo, como em um purgatório, de forma semelhante ao verdadeiro purgatório, à medida, no entanto, que o corpo pode suportar, sem morrer, e isto sempre vai crescendo até à morte.

Eu vejo com o espírito abstraído de todas aquelas coisas, mesmo que sejam espirituais, que lhe podiam dar alimento, como seria alegria e consolação. E que já não está com disposição para gostar algo espiritual, nem por vontade, nem por inteligência, nem por memória, de modo que possa dizer: "dá-me mais alegria isto que aquele outro".

O jejum interior

27. Meu interior se encontra de tal forma assediado, que todas aquelas coisas que mantinham a vida espiritual e corporal foram extintas pouco a pouco. Ao serem extintas eu soube que elas eram somente umas ajudas, e ao reconhecê-las como tal, de tal modo as fui menosprezando que elas foram se desvanecendo, sem que nada as retivesse. É que o espírito já tem em si o instinto de extinguir tudo o que possa impedir sua perfeição, e está preparado para trabalhar com tal crueldade que se deixaria ser colocado no inferno com o objetivo de conseguir seu intento.

E assim vão se extinguindo no homem interior todas as coisas que poderiam alimenta-lo, e o assedia tão sutilmente que não lhe deixa passar a mínima imperfeição, sem que de certo seja descoberta e odiada.

E este mesmo assedio faz que meu espirito tampouco possa suportar que aquelas pessoas que me são próximas, e que procuram a perfeição, se sustentem em criatura alguma. Quando lhes vejo preocupados com coisas que eu já menosprezo, não posso senão afastar me para não ver, e mais ainda quando são pessoas especialmente próximas a mim.

O jejum exterior

28. O homem exterior, por seu lado, se vê tão desamparado pelo espírito, que já não encontra coisa na terra que possa recriá-lo, de acordo com seu instinto humano. Já não tem outro conforto que Deus, que vai trabalhando tudo isso por amor e com grande misericórdia para satisfazer a sua justiça. E compreender que isto é assim lhe dá uma grande alegria e paz.

No entanto, isso não significa que sai de sua prisão, nem tampouco tenta, até que Deus faça o que seja necessário. Sua alegria está em que Deus esteja satisfeito, e nada lhe poderia ser mais doloroso do que sair fora da ordenação de Deus, tão justa a vê, e tão misericordiosa.

Todas estas coisas as vejo e as toco, porém não encontro palavras adequadas para expressar o que gostaria de dizer. O que eu disse, eu sinto operar dentro de mim espiritualmente.



Mundo-prisão, corpo cadeia

29. A prisão na qual me parece estar é o mundo e a cadeia que ele me sujeita é o corpo. E a alma, iluminada pela graça, é a que conhece a importância de estar privado, ou ao menos atraso, por algum impedimento que não lhe permite alcançar o seu objetivo. Ela é tão delicada, e recebe, sem dúvida, tal dignidade de Deus pela graça, que faz dela semelhante e participante de Deus, que a faz uma coisa consigo pela participação de sua bondade.

E assim como é impossível para Deus sofrer alguma pena, assim acontece àquelas almas que se aproximam de Deus, e tanto mais quanto mais se aproximam podem participar mais de suas propriedades. No entanto, o atraso que a alma sofre lhe causa uma pena, e esta pena e atraso lhes fazem discordante daquela propriedade que ela tem por natureza.

E não podendo gozar da graça, mesmo sendo capaz, sofre uma pena tão grande quanto nela é grande o conhecimento e o amor de Deus. E quanto mais sem pecado, mais o conhece e estima, o impedimento se faz mais cruel, especialmente porque a alma permanece toda ela recolhida em Deus e, ao não ter qualquer impedimento externo, o conhece sem erro.

A sagrada ordenação de Deus

30. Assim como o homem que se deixa matar antes de ofender a Deus, se sente a morte e o sofrimento, porém a luz de Deus dá-lhe um porto seguro que a faz estimar a honra de Deus mais que a morte do corpo; assim, a alma que conhece a ordenação de Deus, tem mais em conta esta ordenação de Deus que todos os tormentos, por mais terríveis que possam ser, interiores ou exteriores. E isto é assim porque Deus, por Ele que se faz estas obras, ultrapassa qualquer coisa que se possa imaginar ou sentir.

Todas essas coisas que eu venho expondo a alma não as vê, nem delas fala, nem conhece delas com propriedade ou dano; mas as conhece em um instante, e não as vê em si mesmo, por que aquela atenção que Deus lhe dá de si mesmo, por pequena que seja, de tal modo absorve a alma que excede todas as coisas, e delas já não fazem caso.

Enfim, Deus faz perder aquilo que é do homem, e no purgatório o purifica.

Síntese da doutrina da Santa Catarina

1- Na morte, ao se ver a alma separada do corpo, se lança ali onde lhe corresponde estar: céu, inferno ou purgatório. Mais especificamente, se ainda houver alguma coisa nela que tenha que ser purificado, experimenta a necessidade do purgatório, ou seja, o purificatório.

2- Ao purgatório vai a alma que já carece de culpa, mas que ainda não foi totalmente eliminado as manchas do mal deixadas em seu ser pelo pecado. Estas, ao não estarem suficientemente eliminadas nesta vida pela penitência, constituem a pena temporal que devem ser purgada, pois são o principal obstáculo que retarda, que torna mesmo impossível, a união com Deus no céu.

3- Ainda com relativa frequência alude Catarina a necessidade que se cumpra a justiça divina, o purgatório, em sua descrição, se manifesta mais com uma exigência ontológica do próprio ser da alma, que, como uma pena jurídica, merecida por causa dos pecados.

4- A alma perde toda atenção de si mesma e de suas companheiras de purificação, absorva no amor de Deus e, aparte de todo valor de tempo ou espaço, vive abandonada às operações divinas que a vão purificando. Mais abaixo explicaremos este ponto com a ajuda do catecismo.

5- O fogo do amor de Deus é exatamente o que vai consumindo na alma toda a ferrugem ou manchas do pecado. O sofrimento do purgatório é, portanto, ante toda pena de dano danos, muito mais do que a pena de sentido, isto é, muito mais do que "quaisquer outras penas que elas podem encontrar" (15-b). De fato, o mais terrível para a alma é o desprendimento interior produzido por um amor que, devido a esses impedimentos ainda não totalmente aniquilados, se vê postergado na ânsia de sua perfeita posse de Deus. E quanto mais purificação, mais intenso o amor e mais cruel a dor. Amor e dor parecem crescer assim bem no purgatório em acelerada progressão. O purgatório é, portanto, um crescendo de amor e dor que leva para o céu, para a perfeita felicidade.

6- Há nas almas do purgatório uma imensa alegria, semelhante à do céu, e uma imensa dor, semelhante a do inferno, e um não elimina o outro.

Capítulo II

Purificação e purgatório em São João da Cruz

Busquemos agora brevemente em São João da Cruz (1542-1591) possíveis confirmações ou esclarecimentos da doutrina de Santa Catarina. Embora o doutor carmelita não tenha tratado diretamente do purgatório, como veremos, no entanto, fez algumas considerações breves do mais alto interesse.

Purificação e plena união com Deus

Poucos mestres espirituais cristãos mostraram com tanta clareza como São João da Cruz a necessidade de purificação do homem, e as formas que a graça a produz, para ser possível a perfeita união amorosa com Deus. E esta é a estrutura fundamental que inspira seus escritos (cf. J. Rivera - J. M. Iraburu, Síntese da espiritualidade católica, Pamplona, Fundação GRATIS DATE 1944, 307-337).

"Todas as inclinações (desordenadas) que tem (a pessoa) na criatura são diante de Deus puras trevas, das quais estando a alma vestida não tem a capacidade para ser conscientizada e possuída da pura e simples luz de Deus, se primeiro [com a graça de Cristo] não as elimina de si" (1 Subida 4.1). Por este motivo, "é uma grande ignorância da alma pensar que poderá passar a este elevado estado de união com Deus, se primeiro não esvaziar o apetite de todas as coisas naturais e sobrenaturais que a pode impedir" (5.2). Com efeito, estas más inclinações não somente criam no corpo deformidades e indisposições para plena união com Deus, mas também, e ainda mais na alma, porque são desejos que "cansam a alma e a atormentam e obscurecem e as sujam e a enfraquecem" (6.5).

Como em tais condições da alma e corpo poderá ser deificado o homem por Deus?

Esta será a obra de cura e elevação da graça de Cristo, que tão maravilhosamente descreve São João da Cruz em suas *Noites Escuras*, primeiro ativas, depois passivas.

Purificações ativas

A graça de Cristo, no ascetismo, ao modo humano, vai transformando a pessoa pelo exercício das virtudes (purificações ativas). As três virtudes teologais são aquelas que, ativadas pelo Espírito de Jesus, realizam esta maravilha junto com o homem:

"As três virtudes esvaziam as potências: a fé no entendimento, vazio, e obscuridade para compreender; a esperança esvazia a memória de toda posse; e a caridade esvazia na vontade e nudez de todo apego e gozo de tudo que não é Deus" (2 Subida 6,2). E não é que as almas com isto ficam atoladas, desmemoriadas ou em relação a vontade inertes, em absoluto, "porque o espírito de Deus a faz saber o que têm de saber, e ignorar o que convém ignorar, e lembrar do que tem que ser lembrado, e esquecer o que é para esquecido, e as faz amar o que têm que ser amado e não amar o que não está em Deus. E, por isso, todos os primeiros movimentos das potências de tais almas são divinas. E não há o que se maravilhar dos movimentos e operações destas potências sejam divinos, pois estão transformadas em ser divino(3 Subida 2,9).

Purificações passivas

Essa transformação, no entanto, não poderá se dar plenamente até que o cristão, guiado pelo Espírito, se adentre na vida mística. Na verdade, a graça de Cristo, na mística, no modo divino, vai deificando a pessoa pelos dons do Espírito Santo (purificações passivas). Ficam, contudo nos cristãos, também nos mais adiantados, muitas misérias (1Noite 2-7).

Como nos disse Santa Catarina, sobre as obras desses que parecem mais perfeitas, "todas elas estão manchadas. E para essas obras sejam completamente perfeitas, é necessário que essas operações sejam realizadas em nós sem nós (*in noi sensa noi*), e que a operação divina seja em Deus sem o homem (*Dio sensa homo*)" (20). É a mística passiva, cuja necessidade enaltece tão vivamente São João da Cruz:

"Por mais que a alma se ajude, não pode ela ativamente [na forma humana, no exercício das virtudes] purificar se para que esteja disposta na menor parte para a divina união da perfeição do amor, se Deus não toma pela mão e a purifica naquele fogo escuro para ela" (1Noite 3.3). "Por mais que o iniciante em mortificar em si exercite todas suas ações e paixões, nem com muito poder [alcançar a união], até que Deus se faça nele, fazendo se nele passivamente" (7.5).

Purificação perfeita nesta vida

A purificação ativa e passiva do homem, operada mediante a graça de Cristo, pode produzir na vida presente uma plena deificação, de tal forma que guie diretamente após a morte para o céu. Este é o caso de São João da Cruz, que pouco antes de sua morte disse, em seguida "eu estarei diante de Deus nosso Senhor dizendo nas matinas (prece da manhã)". É a obra consumada, perfeita, da graça que cura e eleva. Aqueles que foram elogiados, "aqueles poucos que são pelo amor estão purgadíssimos, não entraram no purgatório" (2Noite 20,5).

Esta é, como já vimos, a deificação plena realizada por Deus no homem ainda em vida, a qual "não é outra coisa, mas iluminarei o entendimento com a luz sobrenatural, de modo do entendimento humano, se faça divino unido com o divino; E, nem mais, nem menos, informar-lhe a vontade do amor divino, de maneira que não seja vontade menos que divina, não amando menos que divinamente, completa e unida na unidade com a divina vontade e amor; e a memória, não mais, não menos, e também os desejos e apegos todos mudados e devolvidos segundo Deus, divinamente. E assim esta alma será a alma do céu celestial e mais divina que humana" (2Noite 13,11).

Purgatório

Porém o que acontece quando esta purificação deificadora não se cumpre plenamente nesta vida? Sucede que se consome na outra vida, no purgatório, onde apenas a obra de Deus no homem, ficando este passivamente sob o fogo do amor divino, que lhe segue a disposição para a plena união transformadora do céu.

São João da Cruz fala sobre o purgatório explicitamente em vários lugares de sua obra: 1Subida 4.3; 8.5; 2Noite 6.6; 7.7; 10.5; 12.1; 20.; Chamado 1.21; 1.24; 1, 29-34; 2,25 (cf. Urbano Barrientos, Purificação e purgatório, Madrid, Espiritualidade 1960). Reproduziremos aqui apenas alguns desses textos, e alguns outros não explícitos, quer porque eles confirmam a doutrina de Santa Catarina, quer porque elas envolvem qualquer diferença significativa.

Semelhanças e diferenças entre Santa Catarina e São João da Cruz

Assim como Catarina, embora esteja longe de ser teóloga, tenta descrever a purificação na outra vida, São João da Cruz trata apenas da purificação nesta vida, e unicamente trata do purgatório em

vários textos muito valiosos, porém breves escritos de passagem. A semelhança fundamental entre eles está na continuidade que afirmam entre a purificação nesta vida e purgatório na outra. Assinalo também alguns outros pontos de acordo ou diferença.

Coincidências

1-*Purificação passiva*. São João da Cruz ensina que o homem necessita, para a plena união com Deus, de uma última purificação passiva, que é aquela que "a alma não faz nada, mas Deus opera nela, e ela se coloca como paciente" (1subir 13,1). Santa Catarina disse, de modo semelhante, que opera Deus sem o homem, em nós sem nós (20; +19e). Isto que ocorre na Terra acontece também no purgatório, se necessário.

2-*O divino amor purifica*. Segundo São João, "a mesma sabedoria amorosa [de Deus] que purifica os espíritos bem-aventurados, mostrando lhes [no purgatório], é a que purifica a alma e a ilumina" (2Noite 5.1). É a mesma doutrina de Santa Catarina (18 a, 19, 20).

3- *Enquanto há imperfeição*. Afirma São João que, para aqueles que estão no purgatório, "o fogo não teria neles poder, mesmo que sobre eles, se eles não tivessem imperfeições para sofrer, que são a matéria que ali prende o fogo, a que quando eliminada, não tem mais o que arder; como aqui, eliminada as imperfeições, se acaba o penar da alma e inicia o gozo" (2Noite 10,5). Santa Catarina ensina a mesma (18).

Diferenças

1-*Fogo material*. São João da Cruz nos ensina que "esta noite escura do fogo amoroso, assim como as trevas vão purgando, assim também as trevas vão a alma inflamando. E veremos também como, assim [como] se purgam os espíritos na outra vida com o *fogo material tenebroso*, nesta vida se purgam e se limpam com o *fogo amoroso espiritual tenebroso*. Porque essa é a diferença, que lá se limpam com o fogo, e aqui se limpam e se iluminam apenas com amor" (2Noite 12,1). Santa Catarina, no entanto, não fala do fogo material no purgatório, embora ela não parece excluí-lo ("outras penas", 15-b). Em todo caso, ela se concentra na purificação da outra vida no fogo do amor divino.

2-*Esperança de salvação*. São João afirma que, aqui embaixo, no mais escuro da Noite escura, "vem a alma a crer que todos os bens estão acabados para sempre... Essa crença tão confirmada é causada na alma pela atual apreensão do espírito, que aniquila em tudo que a ela é contrario" (2Noite 7,6). É o sentimento abismal de abandono do Pai que sofre Cristo na cruz (Mt 27,46). E entende que a mesma coisa acontecerá na purificação passiva na outra vida: "esta é a causa por que os que estão no purgatório sofrem grandes dúvidas de que eles jamais hão de sair dali e de que hão de se acabar suas penas...como se veem privados de Deus, na miséria, lhes parece que muito merecem ser abominados e abandonados por Deus com muita razão para sempre" (7.7). Ao contrário, Santa Catarina considera que as almas do purgatório têm esperança certa e continua do céu, e "Isso lhes dá um grande contentamento que não lhes falta nunca" (25b; (+ 11c)), Uma alegria somente comparável ao "quem tem os santos do Paraíso" (4a).

Entre Santa Catarina e São João, São Boaventura nos ensinou que as almas dos justos no purgatório "são menos severamente afligidas que no inferno, e mais que neste mundo, embora não tão gravemente que deixem de esperar por um instante, ou ignorem que não estão no inferno, embora, talvez pelo rigor das penas, não advirtam isto algumas vezes" (Breviloquio VII, N° 2.2). De fato, "como os que assim purificados se mantem na graça, a qual, certamente, jamais podem perdê-la, não é justo que sejam inteiramente devorados pela tristeza, não podem nem querem incorrer no desespero...., sabendo também com certeza de que seu estado é diferente do estado em que se encontram aqueles que, sem remédio, penam atormentados no inferno" (VII,2,5). É possível que

São João da Cruz não quisera dizer mais que isto.

3-Revelações privadas e razões teológicas. Esta diferença é importante. São João da Cruz não trata expressamente do purgatório, mas alude a ele apenas de passagem, tratando da purificação do homem nesta vida, e o faz pelos seguintes razões teológicas convenientes. Santa Catarina, ao contrário, trata expressamente do purgatório, e completamente aparte da teologia, e o faz atendo-se às revelações privadas que afirma ter recebido do Senhor. "Eu vejo"...

A purificação do purgatório, diz, "é a mesma que estou sentindo eu na minha mente, especialmente há dois anos; e cada dia a sinto, e cada vez mais claramente, vejo que a minha alma está em seu corpo como no purgatório, de modo semelhante ao verdadeiro purgatório" (26a; (+ 1)). E isso, na sua opinião, não se trata de uma ilusão: "Eu creio que, para mim, a graça de Deus, o tem me mostrado, embora depois eu não seja capaz de expressá-lo" (5; +10, 16, 20c, 24a, 28c).

As almas do purgatório estão intercedendo por nós

Em nossa tentativa de esclarecer a doutrina de Santa Catarina sobre Purgatório, é convém que nos recordemos também que, a diferença do que ela ensina (2, 22-a), *é opinião comum entre os teólogos que as almas do purgatório podem interceder por nós* diante de Deus, pois estão ardendo na caridade, e podem conhecer, talvez apenas de uma maneira geral, as nossas necessidades.

O Catecismo da Igreja Católica nos ensina que as nossas orações para as almas do purgatório "podem não somente ajudá-las, mas também tornar eficaz sua intercessão em nosso favor" (958). "Na comunhão dos santos "existe entre os fiéis - tanto entre aqueles que já são bem-aventurados, como aqueles que expiam no purgatório ou os que peregrinam aqui na terra - um constante vínculo de amor e uma abundante troca de todos os bens" (Paulo VI)" (1475).

São Francisco de Sales, o "Tratado do purgatório"

O Tratado do Purgatório sempre teve muitos admiradores. Em uma das etapas do processo de canonização de Santa Catarina, sob o pontificado de Inocêncio XI (1676-1689), seus escritos são revisados e aprovados pela Sagrada Congregação dos Ritos.

O consultor que apresentou o relatório, embora reconhecendo que suas páginas são "se encontram algumas coisas escuras," declara, finalmente, que sua doutrina espiritual, "havia sido evidentemente ditada pelo Espírito Santo... bastaria, na ausência de outras provas, para estabelecer indiscutivelmente sua santidade".

Um dos maiores admiradores do Tratado do Purgatório foi, sem dúvida, o Doutor da Igreja de S. Francisco de Sales (1567-1622), que teve de manter com os protestantes, precisamente sobre o purgatório, muitas controvérsias. Monsenhor Juan-Pedro Camus, um amigo íntimo do santo e consagrado por este, bispo de Belley, na sua obra publicada em Paris 1639, refere-se:

"Reprendia aos pregadores católicos que, ao falar sobre o purgatório, somente apresentavam ao povo pelo lado dos tormentos e penas com que sofrem as almas, sem falar do seu perfeito amor a Deus e, por conseguinte, da forte alegria que são preenchidos por causa de sua união com a vontade de Deus, união tal e tão invariável, que não lhes é possível sentir o menor movimento de impaciência ou ira, nem querer outra coisa do que ser o que são, ao mesmo tempo assim agradam a Deus, ainda que demore até a consumação dos séculos.

"Sobre o assunto aconselhava muito a leitura mais do admirável e quase seráfico Tratado do Purgatório, escrito por inspiração divina, por Santa Catarina de Gênova" (*O espírito de S. Francisco de Sales*, p.15, sect. 36: Barcelona, Balmes 1948, III, 280).

Capítulo III

Catecismo da Igreja Católica

Vamos, finalmente, a buscar no Catecismo da Igreja Católica o que ela quer que todos nós seus fiéis creiamos e vivamos a respeito do purgatório. Para facilitar a leitura dos números que aqui trago, eliminei as citações que estão incluídas nos mesmos textos e as coloquei no final. Os sublinhados normalmente são meus, assim como as datas entre parêntesis.

Os três estados da Igreja

1022 Cada homem, após morrer, recebe na sua alma imortal sua retribuição eterna em um juízo particular que diz respeito à sua vida a Cristo, quer por meio de uma purificação, seja para entrar imediatamente na bem-aventurança do céu, quer para ser condenado imediatamente para sempre.

954 "Até que venha o Senhor em sua glória com todos os seus anjos e, destruída a morte, tenha submetido a tudo, seus discípulos, alguns peregrinam na terra; outros, já mortos, se purificam; enquanto outros estão glorificados, contemplando claramente ao próprio Deus, o Deus uno e trino, tal como ele é" (Vat.II).

"Todos nós, no entanto, embora em grau e modo diferentes, participamos no mesmo amor a Deus e ao próximo, e cantámos o mesmo hino de louvor ao nosso Deus. Com efeito, todos os de Cristo, que têm o seu Espírito, formam uma mesma igreja e estão unidos entre si Nele" (Vat.II).

955 "A união dos membros da Igreja peregrina com os irmãos que dormiram na paz de Cristo de forma alguma se interrompe. Ainda mais, segundo a fé constante da Igreja, que é reforçada pela comunicação dos bens espirituais" (Vat.II).

O purgatório

1030 Os que morrem na graça e na amizade de Deus, mas imperfeitamente purificados, embora tenham a certeza da sua salvação eterna, sofrem depois da morte uma purificação, a fim de obter a santidade necessária para entrar na alegria do céu.

1031 A Igreja chama Purgatório a esta purificação final dos eleitos, que é completamente diferente do castigo dos condenados. A Igreja formulou a doutrina da fé relativa ao purgatório principalmente nos concílios de Florença [1439] e de Trento [1563]. A tradição da Igreja, fazendo referência a certos textos da Escritura - por exemplo, 1 Coríntios 3.15; 1 Pedro 1.7 -, fala de um fogo purificador.

“A respeito de certas pequenas faltas, é necessário crer que, antes do juízo, existe um fogo purificador, segundo afirma Aquele que é a Verdade, ao dizer que se alguém pronuncia uma blasfêmia contra o Espírito Santo, isto não lhe será perdoado neste século, nem no futuro (MT12,31). Nesta frase podemos entender que algumas faltas podem ser perdoadas neste século, porém outras no século futuro”(São Gregório Magno,+ 604).

Ajuda para as almas do purgatório. Diferentes maneiras de ajudá-las

1032. Este ensinamento se apoia na prática da *oração para os mortos*, da qual fala a Escritura: "Por esta razão [Judas Maccabeus] fez este sacrifício expiatório em favor dos mortos, para que fossem libertados do pecado" (2Mac 12,46).

Desde os primeiros tempos, a Igreja honrou a memória dos defuntos e ofereceu sufrágios em seu favor, em especial o sacrifício eucarístico, a fim de que, uma vez purificado, possam chegar à visão beatífica de Deus. A Igreja recomenda as esmolas, as indulgências e as obras de penitência em favor dos defuntos:

"Levemos alívio e comemoemos. Se os filhos de Jó foram purificados pelo sacrifício de seu pai (cf. Jó 1.5), por que duvidaríamos que as nossas ofertas para os mortos lhes levem certo consolo? Não duvidemos, portanto, em socorrer aqueles que partiram, e em oferecer a nossa oração por eles" (São João Crisóstomo [+407]).

Orações

958 "A Igreja peregrina, perfeitamente consciente desta comunhão de todo o Corpo Místico de Jesus Cristo, desde os primeiros dias do cristianismo, honrou com grande piedade a memória dos defuntos, e também ofereceram suas orações por eles, "porque ele é uma santa e fecunda ideia orar para os mortos, para que fiquem livres de seus pecados" (2Mac 12,45)" (Vat.II). Nossa oração por eles pode não somente ajudá-los, mas também tornar eficaz sua intercessão em nosso favor.

Sacrifício Eucarístico

1371 o sacrifício eucarístico é também oferecido pelos fiéis defuntos "que morreram em Cristo e que ainda não estão completamente purificados" (Trento [1562]), para que possam entrar na luz e na paz de Cristo:

"Este corpo enterrado em qualquer lugar; não os preocupe com seus cuidados. Só rogo que, onde quer que se encontrem recordeis de mim diante do altar do Senhor" (Santa Mônica, antes de morrer, a San Augustine [+430] e seu irmão).

"Em seguida oramos (na anáfora eucarística) pelos santos e bispos falecidos e, em geral, para todas as pessoas que morreram antes de nós, crendo que será de grande proveito para as almas, em favor das quais é oferecido a suplica, enquanto estiver presente a santa e adorável Vítima... Apresentando a Deus as nossas suplicas por aqueles que morreram, embora fossem pecadores..., apresentamos Cristo imolado por nossos pecados, tornando favorável para eles e para nós o Deus amigo dos homens" (São Cirilo de Jerusalém [+386]).

As indulgências

1471 "A indulgência é a remissão diante de Deus da pena temporal pelos pecados já perdoados, enquanto a culpa, que um fiel disposto e cumprindo determinadas condições, alcançado através da mediação da Igreja, a qual, na qualidade de administradora da redenção, distribui e aplica o tesouro das satisfações de Cristo e dos santos".

"A indulgência é parcial ou plenária, conforme libera da pena temporal devida pelos pecados em parte ou totalmente".

"Todo crente pode ganhar para si próprio ou doar para os mortos, pelo sufrágio, as indulgências tanto parciais como plenárias" (Código Direito Canônico [1983]).

1472 Para compreender esta doutrina e esta prática da Igreja, é preciso lembrar que o pecado tem uma dupla consequência. O pecado grave priva-nos da comunhão com Deus e, portanto, nos torna incapazes da vida eterna, cuja privação se chama pena eterna do pecado. Por outro lado, todo o pecado, inclusive venial, traz consigo um apego desordenado às criaturas, o qual tem necessidade de purificação, quer aqui na terra, quer depois da morte, no estado que se chama Purgatório. Esta

purificação libera do que se chama de pena temporal do pecado.

Estas duas penas não devem ser concebidas como uma espécie de vingança infligida por Deus do exterior, mas como algo que brota da própria natureza do pecado. Uma conversão que se origina de uma ardente caridade pode chegar à total purificação do pecador, de modo que não subsistirá nenhuma pena (cf. Trento [1551, 1563]).

1473 O perdão do pecado e a restauração da comunhão com Deus implicam a remissão das penas eternas do pecado. Mas as penas temporais do pecado permanecem. O cristão, portanto, deve empenhar-se para, suportando pacientemente os sofrimentos e provações de todos os tipos quando, chegado o dia, enfrentando à morte com serenidade, aceitar como uma graça essas penas temporais do pecado; e

que devem ser infringidas, tanto através das obras de misericórdia e de caridade, como por meio da oração e as diferentes práticas de penitência, para despojar-se completamente do "homem velho" e revestir-se do "homem novo" (cf. Ef 4,24).



A comunhão dos Santos

1474 O cristão que quer purificar-se do seu pecado e santificar-se com a ajuda da graça de Deus, não está sozinho. "A vida de cada um dos filhos de Deus está ligada de forma admirável, em Cristo e por Cristo, com a vida de todos os outros irmãos cristãos, na sobrenatural unidade do Corpo místico de Cristo, como em uma pessoa mística" (Paulo VI).

1475 Na comunhão dos santos, por conseguinte, "existe entre os fiéis - tanto entre aqueles que já são bem-aventurados, como entre os que expiam no purgatório ou os que peregrinam ainda na terra - um constante vínculo de amor e uma abundante troca de todos os bens" (id.). Nesta admirável troca, da santidade de um se aproveitam às outras, muito além dos danos que o pecado de um pode causar aos demais. Assim, o recurso à comunhão dos santos permite ao pecador contrito estar antes e mais eficazmente purificado das penas do pecado.

1476 Os bens espirituais da comunhão dos santos também chamamos "o tesouro da Igreja", que não é soma de bens, como são as riquezas materiais acumuladas ao longo dos séculos, mas sim que é o valor infinito e inesgotável que tem antes Deus as expiações e os méritos de Cristo nosso Senhor, oferecidos para que a humanidade ficasse livre do pecado e alcançasse a comunhão com o Pai. Somente em Jesus Cristo, nosso Redentor, se encontra em abundância as satisfações e os méritos de sua redenção (cf. Hb 7,23 -25; 9,11 -28)" (id.).

1477 "Pertencem igualmente a este tesouro, o preço que é verdadeiramente imenso, incomensurável e sempre novo que tem diante de Deus as orações e as boas obras da Bem-aventurada Virgem Maria e de todos os santos que foram santificados pela graça de Cristo, seguindo as suas pegadas, e realizaram uma obra agradável ao Pai, a fim de que, trabalhando em sua própria salvação, também cooperaram para a salvação de seus irmãos na unidade do Corpo místico" (id.).

1478 As indulgências se obtém por meio da Igreja que, em virtude do poder de ligar e desligar que foi concedido por Cristo Jesus, intervém em nome de um cristão, e abre-lhe o tesouro dos méritos de Cristo e dos santos, a fim de obter do Pai de misericórdia a remissão das penas temporais devida pelos seus pecados. É por isso que a Igreja não quer apenas vir à ajuda do cristão, mas também impeli-lo a fazer obras de caridade, penitência e caridade" (id.; Trent [1563]).

1479 Assim posto que os fiéis defuntos em vias de purificação também são membros da mesma comunhão dos santos, nós podemos ajuda-los, entre outras formas, obtendo para eles indulgências, para que fiquem livres das penas temporais devida pelos seus pecados.

Citações

–954 Vat.II, LG 49. –955 ib. –958 LG 50. –1022 Concilios de Lyon: DS 857-858; Florencia: 1304-1306; Trento: 1820; Benedicto XII: 1000-1001; Juan XXII: 990; Benedicto XII: 1002. –1031 Concilio de Florencia: DS 1304; Trento: 1580, 1820; S. Gregorio Magno, Dial. 4,39. –1032 Concilio de Lyon: DS 856; S. Juan Crisóstomo, Hom. in 1Cor 41,5. –1371 Trento: DS 1743; Confessiones 9,9,27; S. Cirilo de Jerusalén, Catequesis myst. 5,9.10. –1471 Código Derecho Canónico, can. 992-994. –1472 Trento: DS 1712-1713; 1820. 1474 Pablo VI, const. apost. Indulgentiarum doctrina 5. –1475 Ibid. –1476 Ibid. –1477 Ibid. –1478 Ibid.; cf. Trento: DS 1835.

É esta a fé da Igreja sobre o purgatório

Como se sabe, nas últimas décadas, não poucos teólogos católicos negaram a possibilidade da alma separada do corpo, com o que são obrigados a lidar com o purgatório, de maneiras que não são conciliáveis com a fé católica. A este erro incorrido por vários influxos convergentes- a teologia protestante, a filosofia transcendental e a antropologia unitária, que não estabelece entre o corpo e a alma uma distinção, de acordo com a razão e a fé cristã (Cf. José Antonio Sayés, O tema da alma no Catecismo da Igreja Católica: Pamplona, Fundação GRATIS DATE 1994).

Assim, o Catecismo da Igreja Católica, principalmente os números que temos reproduzido, confessam novamente a fé no purgatório, onde se purificam as almas dos defuntos. "Assim, a liturgia e a piedade do povo cristão acertavam e acertam ao pedir a Deus que as almas dos fiéis defuntos descansem em paz" (Sayes 17).

A importância da fé no purgatório

Embora já tenha sido suficientemente afirmada a importância fundamental da fé sobre o purgatório, gostaria de acrescentar alguns comentários.

-O amor de Deus manifesta-se em toda a sua grandeza quando pensamos que o seu compromisso deificar-nos, iniciado com a criação da nossa alma e no batismo, se não se realiza suficientemente nesta vida, segue operando na outra, através o purgatório, para transformar-nos totalmente em Ele.

-Para não pecar, os pecadores, temos que lembrar muitas vezes do purgatório. Temos que guardar a extrema fidelidade à graça de Deus, se não queremos resistir a ela como maus e imbecis com os pecados que, por mais leves que sejam, produzem deformidades em nós que tornam impossível uma perfeita união com Deus.

-Para fazer penitência, é preciso lembrar os pecadores que, por maior que seja a misericórdia de Deus, e pela integral que tenha sido a remissão de nossos pecados, teremos de nos purificar longamente no purgatório de todos os vestígios de nossos pecados, que não foram suficientemente purificados neste mundo pela penitência.



-Para viver a devida caridade para com os irmãos defuntos, é necessário que a fé no purgatório esteja viva e operante. Em outras palavras, considera-se que facilmente que, uma vez cumpridos com os enfermos graves e agonizantes todos os deveres da caridade - noites de insônia, despesas, medicamentos, ajuda moral, etc. quando mortos, "porque já não há nada que possa ser feito por eles"; com o que não é incomum é que eles caíam no esquecimento. A fé cristã, por outro lado, nos diz que podemos e devemos fazer muito em favor dos nossos queridos irmãos defuntos. E se não fazemos mais para eles, não é apenas porque nos falta a caridade, mas porque somos "homens de pouca fé" (Mt 14,31 e Lc 12,28).

Antigamente, o povo cristão tinha mais compaixão pelas almas do purgatório, porque tinha uma fé mais firme no purgatório e na validade dos sufrágios oferecidos para o morto: se orava diariamente para eles, especialmente pelos familiares - o toque "de animas" nas paróquias, e por eles se ofereciam com mais frequência missas e penitências pessoais. Hoje em dia, é considerado de mau gosto - muito "negativo" - pensar ou falar sobre a morte, e facilmente deixamos nossos irmãos defuntos sem os sufrágios que por eles devemos oferecer a Deus, e que por sua misericórdia são altamente eficazes. No entanto, a Igreja não cessa de estimularmos a rogar e a oferecer sacrifícios por eles. Concretamente, a cada dia o faz no *Memento* da Eucaristia para os mortos; e a cada dia nos faz pedir por eles nas últimas preces (vésperas). Não deixemos, portanto, fazer agora pelos nossos irmãos defuntos o que, quando estivermos no purgatório, gostaríamos que os nossos irmãos da terra fizessem para nós.

E mais ainda, tenhamos a verdadeira devoção pelos fiéis defuntos, que já estão confirmados na graça. Eles já chegaram em Cristo e na certeza da salvação. Nós, por outro lado, ainda estamos no caminho até ela.

FIM